

Arquitetura e Urbanismo: Competência e Sintonia com os Novos Paradigmas do Mercado 2

Jeanine Mafra Migliorini
(Organizadora)



Arquitetura e Urbanismo: Competência e Sintonia com os Novos Paradigmas do Mercado 2

Jeanine Mafra Migliorini
(Organizadora)



2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Natália Sandrini de Azevedo

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Luis Ricardo Fernando da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof^a Dr^a Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof^a Dr^a Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof^a Dr^a Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof^a Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof^a Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof^a Dr^a Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof^a Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof^a Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof^a Dr^a Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Prof. Me. Heriberto Silva Nunes Bezerra – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof^a Ma. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Prof^a Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Prof^a Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Prof^a Dr^a Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)
<p>A772 Arquitetura e urbanismo [recurso eletrônico] : competência e sintonia com os novos paradigmas do mercado 2 / Organizadora Jeanine Mafra Migliorini. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-5706-029-2 DOI 10.22533/at.ed.292202904</p> <p>1. Arquitetura. 2. Planejamento urbano. 3. Urbanismo. I. Migliorini, Jeanine Mafra.</p> <p style="text-align: right;">CDD 720</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A arquitetura é a arte que dispõe e adorna de tal forma as construções erguidas pelo homem, para qualquer uso, que vê-las pode contribuir para sua saúde mental, poder e prazer.

John Ruskin

Todos vivemos a arquitetura, sentimos e interpretamos seus espaços e seus vazios, é arte cotidiana. Os espaços projetados pelo homem têm impacto direto sobre nosso sentir e fazer, um edifício bem planejado traz satisfação, traz conforto para o desenvolvimento das atividades humanas, esses impactos são sentidos fisicamente e psicologicamente, e por isso se faz relevante as análises que destes espaços aqui se apresentam.

Este livro se propõe a discutir a arquitetura de maneira ampla e profunda, entendendo que o espaço vivido assume dimensões além do palpável, passa pelos caminhos da história, da sociologia, da matemática e outras ciências, e que esta relação oferece análises mais complexas e reais.

Arquitetura acontece em escalas diferentes, do pequeno cômodo às grandes cidades, do móvel da casa ao mobiliário urbano, é um universo que se dispõe a ser estudado, a ser desvendado. A organização deste livro segue a escala de seus objetos de estudo, iniciando pela arquitetura, sua história e sua atualidade, na forma como a ocupação pode ser ressignificada, ou como a falta de acessibilidade limita o viver o espaço. Passa à escala urbana, as análises do que já foi, do que está sendo e do que pode ser.

Caminhar entre as relações do homem com o espaço é trabalho complexo, pois necessita da análise objetiva, mas não pode descartar o lado humano destas relações. Oferecer estes estudos é plantar sementes para novas discussões, que acabam por interferir diretamente em nossas casas, bairros e cidades.

Boa leitura e muitas reflexões!

Jeanine Mafra Migliorini

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
CASA DO CHAME-CHAME: CONEXÕES COM CULTURA LOCAL E ARQUITETURA MODERNA INTERNACIONAL	
Silvia Lopes Carneiro Leão	
Raquel Rodrigues Lima	
DOI 10.22533/at.ed.2922029041	
CAPÍTULO 2	24
ARQUITETURA ASSOCIADA AO “ART DÉCO” NO BRASIL: UMA ANÁLISE DAS NARRATIVAS	
Fernanda de Castro Farias	
Nelci Tinem (<i>in memoriam</i>)	
DOI 10.22533/at.ed.2922029042	
CAPÍTULO 3	41
DE SANTIAGO DE COMPOSTELA À PORTO ALEGRE: METAMORFOSES DE LINGUAGEM NOS MUSEUS DE ÁLVARO SIZA ENTRE 1988 E 1998	
Raul Penteado Neto	
Joubert José Lancha	
DOI 10.22533/at.ed.2922029043	
CAPÍTULO 4	60
SISTEMATIZAÇÃO DE DIRETRIZES PROJETAIS PARA MEIOS DE HOSPEDAGEM PERSONALIZADOS PARA CICLOTURISTAS COMO INCENTIVO À CICLOMOBILIDADE	
Jeane Aparecida da Silva	
Leandro Silva Leite	
DOI 10.22533/at.ed.2922029044	
CAPÍTULO 5	69
DE AGÊNCIAS BANCÁRIAS A CENTROS CULTURAIS: A PRESENÇA DA ARQUITETURA DOS BANCOS NA PAISAGEM DAS CIDADES	
Janércia Aparecida Alves	
Frederico Braida Rodrigues de Paula	
José Gustavo Francis Abdalla	
DOI 10.22533/at.ed.2922029045	
CAPÍTULO 6	82
VIDA RIBEIRINHA: UMA ANÁLISE DE COMO A FALTA DE ACESSIBILIDADE PODE INFLUENCIAR NA QUALIDADE DE VIDA DOS MORADORES DA ILHA DO COMBU EM BELÉM, PARÁ	
Érica Corrêa Monteiro	
Angelo Giovani dos Santos Feio	
Kayan Freitas de Araújo	
DOI 10.22533/at.ed.2922029046	
CAPÍTULO 7	95
A OCUPAÇÃO PORTUGUESA NO EXTREMO SUL DO BRASIL: A COLÔNIA DO SACRAMENTO E O HIBRIDISMO CONFIGURACIONAL	
Ivan Oliveira de Grande	
Valério Augusto Soares de Medeiros	
DOI 10.22533/at.ed.2922029047	

CAPÍTULO 8	110
A REGIÃO DOS JARDINS EM SÃO PAULO: PATRIMÔNIO, PRESERVAÇÃO E MUDANÇA	
Luiza Veiga Mathias	
José Geraldo Simões Júnior	
DOI 10.22533/at.ed.2922029048	
CAPÍTULO 9	130
TEORIA E PRÁTICA: DO CONCEITO AO PROJETO	
Letícia Peret Antunes Hardt	
Carlos Hardt	
Marlos Hardt	
DOI 10.22533/at.ed.2922029049	
CAPÍTULO 10	140
GOIÂNIA, ENTRE O EFEITO GENÉRICO E AS PERMANÊNCIAS	
Pedro Henrique Máximo Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.29220290410	
CAPÍTULO 11	153
GEOMETRIA FRACTAL E OS VAZIOS URBANOS (EUCLIDIANOS)	
Solimar Mendes Isaac	
Fernando Gomes	
DOI 10.22533/at.ed.29220290411	
CAPÍTULO 12	170
CIDADE, EDIFICAÇÃO E VAZIO	
Elisabete Castanheira	
DOI 10.22533/at.ed.29220290412	
SOBRE A ORGANIZADORA	180
ÍNDICE REMISSIVO	181

Data de aceite: 13/04/2020

Elisabete Castanheira

Faculdade Estácio – UNISA – Universidade de
Santo Amaro
São Paulo – SP

RESUMO: A cidade contemporânea, subjugada à dinâmica de mercado, faz coexistir o déficit de moradia e um enorme agrupamento de imóveis vazios. A cidade de São Paulo, e a exuberância de sua escala, faz emergir (novas) estratégias de resposta a tal demanda. Centrado no objetivo de empreender uma leitura destes novos formatos de interação com a cidade, o presente artigo se debruça, de forma sintética, sobre a questão urbana e a convivência entre a utilidade e a nulidade de edificações, as motivações para se empreender a ocupação no âmbito urbano, discorre ainda sobre o estado da arte das ocupações na cidade e, por fim, aborda uma destas iniciativas, a Ocupação Nove de Julho, e o escopo de sua atuação. Por meio de iniciativas de base, os processos de ocupação contemporâneos, mais do que suprir o problema da habitação, promovem a oportunidade de uma reflexão social, política e, por que não, ambiental.

PALAVRAS-CHAVE: ocupação, apropriação, cidade.

CITY, BUILDING AND VOID

ABSTRACT: The contemporary city, subjugated to the market dynamics, makes coexist the housing deficit and a huge grouping of vacant properties. The city of São Paulo, and the exuberance of its scale, has emerged (new) strategies to respond to such demand. Centered on the objective of undertaking a reading of these new formats of interaction with the city, this article briefly discusses the urban question and the coexistence between the usefulness and the nullity of buildings, the motivations to undertake occupation in the city, urban area, also discusses the state of the art of occupations in the city and, finally, addresses one of these initiatives, Ocupação Nove de Julho, and the scope of its work. Through grassroots initiatives, contemporary occupation processes, rather than addressing the problem of housing, promote the opportunity for social, political and, if not environmental, reflection.

KEYWORDS: squatting, appropriation, city.

INTRODUÇÃO: CIDADE, EDIFICAÇÃO E VAZIO

A ocupação da cidade se altera em função de contextos políticos, sociais e, sobretudo, econômicos.

Nessa dinâmica urbana as demolições e construções sucedem-se e manifestam-se ligadas, intrinsecamente, ao crescimento e desenvolvimento urbano (FERNANDES, 2009 *apud* Marques, 2009).

Como consequência cria-se uma sobreposição de camadas, em Certaeu (1988), que prescinde do passado em detrimento do presente, permitindo o conhecimento apenas daquilo que é mais recente, mais novo, mais próximo. Esta condição intrínseca de palimpsesto em muito se assemelha a uma colagem onde é possível apenas inferir a dimensão superficial sem acesso às camadas inferiores atribuindo, de forma equivocada, uma quase condição de inércia.

O descredenciamento das edificações, independentemente de suas utilizações e finalidades, faz emergir um contingente de abandono e de ausência. Abandono daquilo que já foi e ausência do que poderia ser.

Esses vazios urbanos, que integram a história das cidades, e que resultam de novas demandas, novas circunstâncias e novos modos de viver na/a metrópole, também estão intimamente relacionadas com os fluxos financeiros e as alterações de mercado.

Diante desta constatação há que se fazer escolhas: abandono ou novas formas de utilização?

Como organismo vivo a cidade também impõe (ou se submete aos) fluxos que, guiados pelos interesses corporativos, reorganizam as práticas e as utilizações.

A complexidade na reversão do quadro que contempla as nulidades edificadas, ou seja, os vazios, demanda a articulação entre muitas esferas, seja o poder executivo (a gestão), o poder legislativo (as leis que regem as formas de alteração e utilização), os órgãos fiscalizadores (as normativas) e o âmbito da propriedade (a questão da posse e tudo quanto a ela está vinculado).

CIDADE: INTERVENÇÃO E TRANSFORMAÇÃO

Sobrepor o que já está edificado se relaciona diretamente com uma nova condição de ser e estar. Ser enquanto edificação e estar enquanto função, enquanto desempenho de determinada ação em determinado período de tempo.

Nos centros históricos encontram-se as marcas da sociedade, da cultura, dos conflitos, fracassos e sucessos da cidade. São evidenciados processos por meio dos quais se constituem e se dá importância a lugares e cenários da memória social. O que está em causa já não é só a questão da recuperação da vitalidade das áreas centrais, mas, sim a sua adaptação às atividades contemporâneas. (SIMÕES, 2012 p. 15)

A dinâmica de constante mudança urbana, segundo Simões (2012), contempla duas variáveis: tempo e memória. Tempo enquanto resistência desenvolvida em um determinado período e memória enquanto receptáculo dos acontecimentos, da sua história, do papel que lhe cabe no seu tempo.

Tempo enquanto resistência mostrada ao longo de um ciclo e que é diretamente proporcional à função desempenhada, cumprida, segundo Appleton (2006 *apud* Simões, 2012). Memória enquanto conjunto de acontecimentos, da sua história, do papel que lhe cabe no seu contexto.

Toda e qualquer cidade abriga edificações que atravessam a dinâmica do abandono e nulidade de suas funções.

Exauridas de uma determinada incumbência as edificações, mais do que esvaziadas de objetivos, se veem espaços de nulidade, de ausência, de vazio.

Neste contexto a cidade faz coexistir o que é ativo e o que é nulo, propiciando novas perspectivas de uso, a ocupação.

A palavra ocupação, diretamente relacionada com apropriação, em certo sentido, está fala da ação de tomar para si a propriedade de outro, de forma indevida, e, derivado que é do verbo apropriar, está relacionado com o tornar-se próprio.

O fenômeno, de caráter heterogêneo, como refere Caminha (2017) abriga em si uma polaridade, na medida em que, se configura como fenômeno urbano de abrangência mundial, mas, por outro lado, está intimamente relacionado ao que é específico da localidade. Converte para a leitura de Madeira (2010) do glocalismo: pensamento global e ação local.

A autora refere ainda outras características das ocupações e que estão relacionadas com a questão temporal podendo apresentar longa ou curta duração. As primeiras estão diretamente relacionadas com os objetivos determinados por distintas motivações e, nesta perspectiva, quanto maior o tempo de duração maior o sucesso alcançado. Já o segundo tipo tem caráter efêmero e buscar dar relevância para determinada pauta chamando a atenção para um objetivo específico. Tais manifestações, também conhecidas como Ocupações Demonstrativas (*Demonstrative Occupations*), tem como:

Intuito alertar a sociedade e governo, através da mídia, para algum problema ou questão – seja ela econômica, social, política ou cultural. Estas ocupações são comuns no Brasil, sendo muitas vezes organizadas por movimentos sociais de moradia, com objetivo de chamar atenção para o *déficit* habitacional e a ociosidade de imóveis. (CAMINHA, 2017 p.188)

Mas, quem ocupa?

Por que ocupa?

E como ocupa?

MAS, QUEM OCUPA?

O processo de ocupação é, obviamente, organizado pelo cidadão. Se pensada em termos da metrópole, a iniciativa comporta uma escala diminuta e uma visibilidade igualmente restrita. Para Franco (2013 *apud* Rosa, 2013), na cidade, há a coexistência daquilo que é macro e daquilo que é micro, em termos da dimensão das iniciativas. Muitas são as denominações: iniciativas *bottom up* (em contraposição às iniciativas *top down*), apropriação, ocupação, intervenção, urbanismo tático, urbanismo de base e, certamente, outras. O fato é que:

O âmbito da iniciativa é local, o desdobramento circunscrito e se concretiza como iniciativa espontânea, fruto de uma observação minuciosa e articulada: são as iniciativas *Bottom Up* que podem (ou não adquirir um comportamento notável). Não é o uno que adquire a condição de coletivo, mas sim, alça outra dimensão. Esta prática, que reconhece a necessidade (ou a oportunidade) e é elaborada segundo a especificidade do *locus*, reforça a identidade e o contexto em que se apresenta. Trabalha o uno como condição do complexo. (CASTANHEIRA, 2015 p. 39)

Mas, o cidadão em atividade individual, tem expressão diminuta. A força só emerge quando as ações individuais são articuladas em rede, onde é possível encontrar a complementaridade de forças de uma construção em grupo, constituído e, sobretudo, ativando a potência. São os coletivos.

Articulação que congrega cidadãos afins, os coletivos, numa associação preliminar podem remeter ao coletivo artístico. No entanto, o coletivo enquanto articulação de cidadãos para ações urbanas, na contemporaneidade, tem se firmado como convergência de ideias e ideais.

Para Gohn (2013), embora a articulação de indivíduos em grupos com o objetivo de se atingir pautas comuns não seja prática nova, obviamente, houve uma alteração do perfil desse indivíduo. Enquanto no século XX é possível fazer a distinção entre movimentos sociais e novos movimentos sociais, no século XXI, para a autora, surgem os novíssimos sujeitos.

Os movimentos sociais, nas palavras da autora, são formados pelos sindicatos, partidos políticos, movimentos rurais e afins. Apresentam como características uma estrutura hierárquica rígida e centralizadora e os integrantes, os militantes, são membros ativos e se articulam pela difusão de um ideal comum. Os novos movimentos sociais apresentam, em termos gerais, as mesmas características dos movimentos sociais com a distinção de uma articulação via identidade cultural.

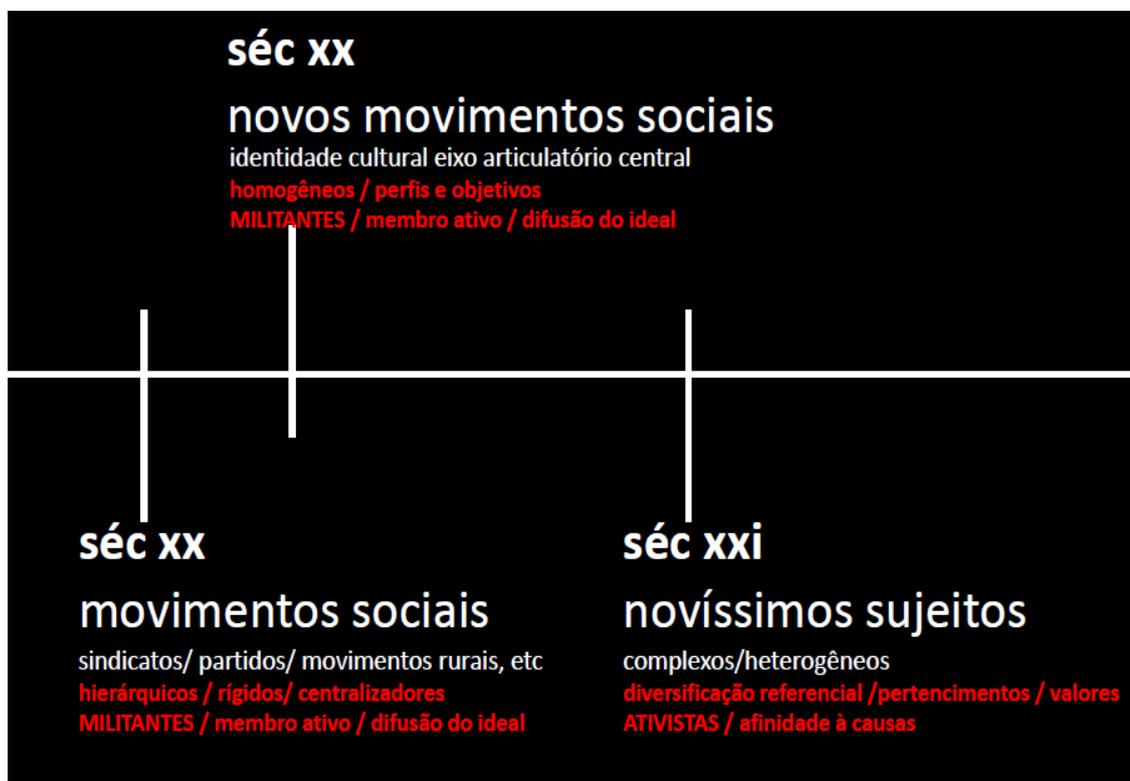


Figura 1: Linha do tempo – Movimentos Sociais

Fonte: Gohn, 2013/ Elaborado pela autora.

Já os novíssimos sujeitos apresentam características distintas. É constituído por indivíduos complexos, heterogêneos que apresentam diversificação referencial, de pertencimento e escala de valores. A grande distinção é o fato destes integrantes se movimentarem por pautas, de maneira exclusiva, ou seja, por ação e não mais por convergência total de ideais.

Para Gohn (2013) os movimentos sociais e os novos movimentos sociais congregam militantes enquanto os agrupamentos de novíssimos sujeitos articulam ativistas.

POR QUE OCUPA?

Numa tentativa de entender este panorama Prujit (2013 *apud* Caminha, 2016) propõe uma classificação para as muitas formas de ocupação que se sucederam nos tempos mais recentes na Europa. São elas:

1. Ocupação por privação (*Deprivation-Based Squatting*)

Esta motivação procura atender o acesso ao abrigo cotidiano, à moradia. Não revela caráter estrutural uma vez que busca resolver uma demanda básica, de sobrevivência cotidiana.

2. Ocupação como estratégia de habitação alternativa (*Squatting As An Alternative Housing Strategy*)

A segunda motivação não tem caráter de urgência ou sobrevivência, mas, sim, de aperfeiçoamento, na medida em que busca uma melhoria que atenda à perspectiva do indivíduo do que entende por viver com qualidade e não um modelo vigente de qualidade de vida.

3. Ocupação empresarial (*Entrepreneurial Squatting*)

A terceira motivação tem caráter cultural, procurando ofertar equipamentos de cultura e lazer que, estando fora da alçada convencional empresarial, estão, por consequência, distanciados dos processos burocráticos de montagem e manutenção de espaços desta natureza.

4. Ocupação conservacionista (*Conservational Squatting*)

A quarta motivação está diretamente relacionado com o fenômeno da gentrificação e, na contramão de sua proliferação, busca conservar determinadas áreas urbanas impedindo o seu desenvolvimento e a consequente expulsão dos habitantes locais antes a pressão do mercado imobiliário.

5. Ocupação política (*Political Squatting*)

A quinta motivação tem a política como mote central. Não se configura como objetivo final, mas, antes como meio para se atender a determinada demanda que procura fazer frente às instâncias governativas, às práticas de mercado, entre outros. De forma sintética busca se posicionar contra aquilo que está estabelecido como prática e contra o qual um grupo de indivíduos se posiciona.

Embora o autor denomine o último tipo de ocupação como política não quer referir que as demais não o sejam, como refere Caminha (2016), o que converge para Arendt (2000) e sua premissa que o caráter político está sempre presente na relação que se estabelece (ou deveria ser estabelecida) com a cidade.

A dinâmica de ocupação urbana está assente no tripé: crítica às políticas urbanas, ferramenta para pedir um teto e estratégia de sobrevivência sem apoio público (AGUILERA, 2013 apud Caminha, 2016).

De ressaltar ainda o caráter de flexibilidade da classificação de Prujit (2013), uma vez que, para o autor as motivações podem tangenciar mais do que uma possibilidade e, ainda, sofrer alteração de escopo sob determinadas circunstâncias ao longo do processo. As configurações apontam para diferentes possibilidades de combinação entre autoajuda e/ou ação coletiva, alternativa e protesto contra a mercantilização da cidade. (Caminha, 2016).

E COMO OCUPA?

O movimento de ocupação, segundo Caminha (2016), ganha relevância na década de 1960 e está intimamente relacionado com o movimento da contracultura e o aspecto contestatório dos valores vigentes, o que constitui a essência deste

amplo conceito.

O movimento *squatter* – nome dado ao movimento em países de língua inglesa – vai além da questão da moradia, lidando com novas formas de gestão e socialização como alternativas às relações socioeconômicas forjadas no capitalismo. É importante notar que a palavra utilizada é diferente da que designa os movimentos de ocupação de praças e ruas a partir da crise de 2008 na Europa e nos Estados Unidos: *occupy*, o que mostra diferenciação entre os dois movimentos. Porém, os movimentos *occupy* (conhecido como 15M na Espanha) e *squatter* estão ligados, sendo diversas as manifestações de apoio mútuo, como o caso do 15M e diversos okupas. (CAMINHA, 2016 p.36)

As dinâmicas do mercado imobiliário têm distanciado, cada vez mais, o acesso ao direito básico da moradia o que faz discutir, de forma ainda mais intensa, a relação que se estabelece com a cidade e os respectivos desdobramentos (como questões de posse, de convivência, entre outras). Nessa perspectiva o cidadão procura refletir e, sobretudo, promover alternativas que efetivem a obtenção da moradia.

As ocupações, nesse sentido, não expressam “apenas” uma luta por um direito, mas outra concepção de cidade, que relega a lógica do mercado a um segundo plano. Utopia? Sem dúvida. Mas uma utopia já parcialmente realizada no presente. Ao ocupar esses imóveis, os militantes do movimento se tornam moradores do centro da cidade, afirmam para a sociedade que ali é o lugar deles. (TRINDADE, 2017 p. 168)

No Brasil, o censo do IBGE¹, 2010, apresenta um total de seis milhões de imóveis vazios. Se levada em consideração a quantia de cinco milhões e oitocentas mil habitações, que deveriam ser construídas de forma a que a totalidade da população brasileira vivesse em condições minimamente ideais, a conta ainda apresenta saldo positivo. São Paulo ganha relevância nesse quadro ao apresentar o maior número de imóveis vazios seguido de Minas Gerais.

O censo mostrou que São Paulo é o estado com o maior número de domicílios vagos. O número de moradias vazias chega a 1,112 milhão. Já de acordo com o Sinduscon-SP, são 1,127 milhão de famílias sem teto ou sem uma casa adequada. Portanto, na hipótese de que essas casas vagas fossem ocupadas por uma família, só 15 mil moradias precisariam ser construídas para solucionar o déficit habitacional do estado. (GOVERNO FEDERAL²)

Esse conjunto de imóveis desprovidos de função ou utilidade consolida um contingente de edificações em estado de abandono e degradação coexistindo com uma vasta e robusta necessidade de abrigo, de moradia. Essa convergência, entre oferta e demanda, faz São Paulo abrigar um movimento crescente de ocupação.

Segundo levantamento do G1³, de 2018, São Paulo comporta mais de duzentas

1. Disponível em: < <http://www.brasil.gov.br/noticias/cidadania-e-inclusao/2010/12/numero-de-casas-vazias-supe-ra-deficit-habitacional-do-pais-indica-censo-2010>>

2 Disponível em: < <http://www.brasil.gov.br/noticias/cidadania-e-inclusao/2010/12/numero-de-casas-vazias-supe-ra-deficit-habitacional-do-pais-indica-censo-2010>>

3 <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/cidade-de-sao-paulo-tem-206-ocupacoes-onde-moram-45-mil-familias.ghtml>

ocupações que abrigam 45 mil famílias. A maior concentração de ocupações (53) está na zona central da cidade, seguida da zona leste (45), zona norte (38), zona sul (31), zona sudoeste (27) e extremo sul da cidade (12 ocupações).

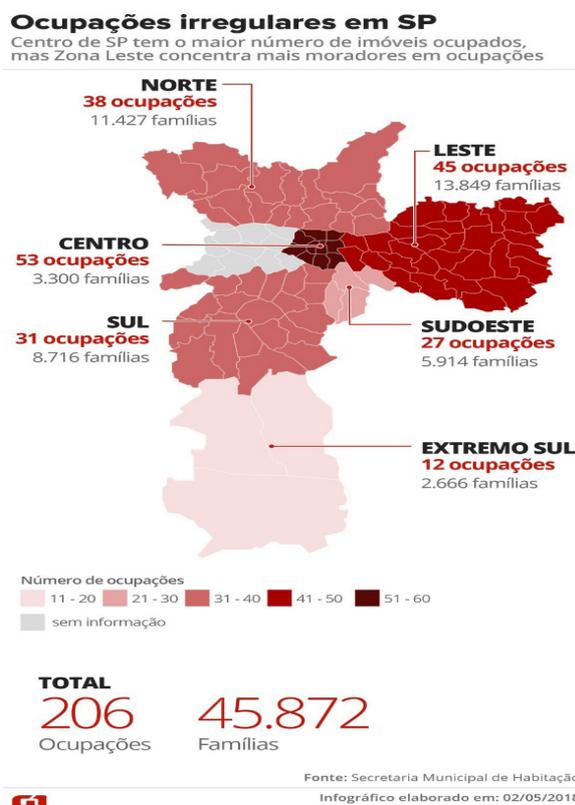


Figura 2: Mapa de Ocupações – Cidade de São Paulo

Fonte: Secretaria Municipal de Habitação – São Paulo – Infográfico: Portal G1. <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/cidade-de-sao-paulo-tem-206-ocupacoes-onde-moram-45-mil-familias.ghtml>

Apesar de ter em sua base uma necessidade de sobrevivência, a ocupação se consolida como um movimento de amplo espectro que mais do que discutir o direito à moradia, discute formas de viver, de estar e de se relacionar, ou seja, um posicionamento político.

Uma das muitas ocupações no centro de São Paulo, a Ocupação Nove de Julho, se materializou em 2016 e integra o conjunto de 11 ocupações do MSTC – Movimento Sem Teto do Centro, movimento que acaba de alcançar a maioria e que tem como escopo a mobilização e articulação por moradia digna.

A característica transversal, e uma das mais representativas, no conjunto de ocupações do MSTC é a questão de gênero. Em sua maioria liderada por mulheres, na Ocupação Nove de Julho não é diferente. Carmen Silva, que ganhou notoriedade por representar a si mesma no filme Era o Hotel Cambridge, de Eliane Caffé e por ser acusada (e absolvida) de coação ao solicitar o pagamento de uma taxa de condomínio no âmbito das ocupações⁴, é a articuladora e administradora da

4. <https://jornalistaslivres.org/dona-carmem-da-luta-por-moradia-e-absolvida-de-acusacao-injusta/>

ocupação.

A articulação social não se resume aos aspectos habitacionais, ou seja, não se define na oferta de moradia. A ocupação, obviamente no sentido de alavancar recursos para a auto-gestão, mantém um brechó de roupas e a Cozinha da Ocupação. Mas, a visão de um espaço coletivo, é muito maior do que uma motivação econômica. É um projeto de iniciativas colaborativas que repensa as formas de construir, de materializar, de compartilhar e congregar.

A ocupação mantém ainda uma biblioteca, um cursinho (UNEAFRO) e uma galeria de arte, além de uma série de parcerias que permitem a concretização de uma série de oficinas e iniciativas locais (hortas, exibição de documentários, rodas de conversa, entre outras).

QUASE COMO CONCLUSÃO

O ato de ocupar, por si, na contemporaneidade, se reveste de um aspecto extremamente negativo na medida em que está diretamente relacionado com a ideia de apropriação indevida. O enorme contingente de propriedades sem uso que coexiste com uma importante demanda por moradia, enquanto necessidade básica do ser humano, faz emergir uma nova possibilidade de uso: a apropriação.

Importante referir que estes movimentos não buscam a propriedade, mas, antes a oportunidade de usufruir de um imóvel que se encontra em função nula. As inúmeras iniciativas que se têm efetivado no centro da cidade de São Paulo mostram, por observação, uma relação que ultrapassa o aspecto da moradia, do abrigo.

Traz a possibilidade de uma reflexão social, reforçando a ideia de Arendt (2000), para quem, toda a relação estabelecida com a cidade é política.

REFERÊNCIAS

ARENDR, H. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2000.

ARQ.FUTURO. **Imóveis ociosos e ocupações**: Revertendo os vazios urbanos. São Paulo: ARQ.FUTURO, 2019. Disponível em: <<https://arqfuturo.com.br/post/imoveis-ociosos-e-ocupacoes-revertendo-os-vazios-urbanos>> Acesso: 14 jun. 2019.

CAMINHA, J. V. **Uma teoria acerca das ocupações de imóveis vazios**. São Paulo: XVII ENANPUR, 2017. Disponível em: <http://anpur.org.br/xviienanpur/principal/publicacoes/XVII.ENANPUR_Anais/ST_Sessoes_Tematicas/ST%209/ST%209.1/ST%209.1-04.pdf> Acesso: 16 jun. 2019.

_____. **A diversidade de ocupações de imóveis ociosos**. Uma leitura a partir de casos europeus. Rio de Janeiro: Revista E-Metrópolis, 2017. Disponível em: <http://emetropolis.net/system/artigos/arquivo_pdfs/000/000/211/original/emetropolis28_art3.pdf?1494302267> Acesso: 16 jun. 2019.

CASTANHEIRA, E. B. **Patrimônio industrial e economia criativa: Convergências**. São Paulo: 4º Colóquio Brasil-Portugal, Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2016. Disponível em: < https://www.mackenzie.br/fileadmin/OLD/62/ARQUIVOS/PUBLIC/SITES/PORTAL/IV_COLOQUIO_BRASIL-PORTUGAL/16.pdf > Acesso: 15 jun. 2019.

CERTEAU, M. **A Invenção do Cotidiano**. Petrópolis: Editora Vozes, 1998

GUATELLI, I. Condensadores urbanos – Baixio viaduto do café – Academia Cora Garrido. São Paulo: Mack Pesquisa, 2008.

_____, RUBANO, L. M. **Os projetos de reconfiguração de territórios urbanos: condições teóricas**. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2007. Disponível em: < http://www.mackenzie.br/fileadmin/Graduacao/FAU/Publicacoes/PDF_IIIForum_a/MACK_III_FORUM_IGOR_GUATELLI.pdf > Acesso em: 31 maio 2019.

GOHN, M. G. **Manifestações e protestos no Brasil**. São Paulo: Editora Cortez, 2017.

MADEIRA, C. **Híbrido – Do mito ao paradigma invasor?** Lisboa: Editora Mundos Sociais, CIES, ISCTE-IUL, 2010.

MARQUES, B. R. A. P. **O vale de Alcântara como caso de estudo evolução da morfologia urbana**. Lisboa: Instituto Superior Técnico - Universidade Técnica de Lisboa, 2009. Disponível em: < <https://fenix.tecnico.ulisboa.pt/downloadFile/395138367729/dissertacao.pdf> > Acesso em: 04 jun. 2016.

ROSA, M. L. **Micro planejamento – Práticas urbanas criativas** – São Paulo – São Paulo: Cultura, 2011.

SIMÕES, Mariana Parreira. **Construir no Construído - Novos Modelos de Habitar a Cidade para a Zona de Alcântara**. Lisboa: Faculdade de Arquitetura - Universidade Técnica de Lisboa, 2012. Disponível em: < <https://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/5443/1/Novos%20modelos%20de%20habitar%20a%20cidade%20para%20a%20zona%20industrial%20de%20Alc%C3%A2ntara.pdf> > Acesso em: 04 jun. 2019.

TRINDADE, T. A. **O que significam as ocupações de imóveis em áreas centrais?** Salvador: Caderno CRH, 2017. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ccrh/v30n79/0103-4979-ccrh-30-79-0157.pdf> > Acesso: 15 jun. 2019.

SOBRE A ORGANIZADORA

JEANINE MAFRA MIGLIORINI - Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná e em Licenciatura em Artes Visuais pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), Especialista em História, Arte e Cultura e Mestre em Gestão do Território pela Universidade Estadual de Ponta Grossa, Especialista em Docência no Ensino Superior: Tecnologias Educacionais e Inovação, e em Projetos de Interiores pela Unicesumar. Educadora, iniciou na docência nos ensinos fundamental e médio na disciplina de Arte. Atualmente é professora do ensino superior, na Unicesumar. Arquiteta e urbanista, desenvolve projetos arquitetônicos. Escolheu a Arquitetura Modernista de Ponta Grossa – PR como objeto de estudo, desde sua graduação. Produzindo pesquisa e material didático para o ensino de arte com essa temática.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Acessibilidade Espacial 94

Agências bancárias 69, 70, 71, 72, 73, 78, 79

Álvaro Siza 41, 42, 43, 44, 48, 49, 50, 51, 58, 59

Arquitetura Moderna 1, 2, 4, 6, 14, 18, 19, 20, 24, 25, 26, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 37, 38, 40, 50, 58, 123

Arquitetura ribeirinha 82, 83

Art déco 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 76, 143, 144

B

Bairros-jardim 110, 112, 127

C

Casa do Chame-Chame 1, 2, 4, 5, 9, 10, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21

Cicloturismo 60, 61, 62, 63, 68

Cidade 3, 5, 32, 33, 34, 35, 37, 38, 39, 40, 42, 44, 45, 47, 59, 69, 71, 73, 74, 75, 76, 77, 81, 83, 88, 94, 95, 97, 99, 101, 102, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 127, 128, 130, 137, 138, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 150, 151, 152, 153, 156, 157, 158, 159, 161, 162, 163, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 175, 176, 177, 178, 179

Colônia do Sacramento 95, 97, 98, 99, 101, 102, 103, 104, 106, 107, 108, 109

Colonização espanhola 95, 100

Colonização portuguesa 95

D

Dimensão Fractal 153, 154, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167

E

Efeito Genérico 140, 141, 142, 144, 152

Espaço 17, 19, 23, 30, 31, 44, 47, 48, 50, 57, 58, 69, 72, 73, 74, 75, 78, 85, 88, 93, 94, 95, 97, 98, 101, 102, 105, 106, 107, 108, 112, 113, 119, 123, 125, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 151, 152, 153, 156, 159, 178

F

Função 18, 69, 70, 71, 72, 73, 75, 76, 78, 108, 113, 148, 156, 171, 172, 176, 178

G

Goiânia 32, 37, 39, 40, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 147, 148, 150, 152

L

Lina Bo Bardi 1, 2, 4, 6, 8, 9, 10, 12, 13, 15, 19, 21, 22, 23

Linguagem arquitetônica 25, 33, 39, 41

M

Matemática aplicada ao urbanismo 154

Museus 41, 43, 44, 80

O

Ocupação 73, 93, 95, 96, 97, 100, 101, 106, 112, 113, 114, 115, 116, 118, 119, 121, 126, 145, 153, 155, 165, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178

P

Padrões morfológicos 96, 165

Permanências Urbanas 140, 141, 143

Projeto 5, 6, 9, 10, 11, 18, 21, 25, 38, 41, 42, 44, 45, 46, 47, 48, 50, 51, 56, 57, 58, 60, 68, 69, 73, 74, 76, 77, 78, 79, 80, 94, 113, 114, 116, 125, 126, 128, 130, 141, 143, 144, 145, 148, 152, 165, 178

R

Ressignificação 69, 72

T

Território 26, 85, 90, 96, 97, 99, 100, 101, 102, 106, 107, 108, 111, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 138, 142, 143, 180

Tombamento 110, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 125, 126, 127, 128, 143, 144

U

Urbanismo fractal 154

V

Vazios urbanos 102, 107, 153, 154, 155, 171, 178

 **Atena**
Editora

2 0 2 0